

EDITORIAL

O mundo contemporâneo traz consigo invenções forjadas no passado, cujas descobertas trouxeram até o século XXI profundas transformações no modo como vivemos - para o bem ou para o mal. Novas tecnologias tornaram as coisas mais acessíveis e, por isso, desejáveis ao consumo e à vivência. Nesse contexto, está em curso um processo de reconfiguração das experiências humanas que em parte se tornaram mais *líquidas* (concepção proposta pelo filósofo polonês Zygmunt Bauman, em que o termo define a atual sociedade onde os comportamentos são rápidos e fluidos - efeitos de um mundo globalizado) em seus sentidos e, fragilizadas de valores elementares como o respeito e a solidariedade. Ao mesmo tempo, velhas mazelas como a desigualdade e a intolerância insistem em manter seus domínios sobre indivíduos transformados em seres invisíveis ou esquecidos de sua própria humanidade. O efeito disto é a sofisticação da violência, direta ou simbólica, traduzida por qualquer comportamento que intente controlar, impor, ou cercear liberdades e direitos. Então, o mundo parece perdido? Creio que não!

Na contramão disso, há indivíduos que resistem aos efeitos globalizantes do novo século e buscam por um estilo de vida mais simples e de mais afeto - sem deixar de usufruir de suas “modernices”. Muitos desses empreendem de forma criativa iniciativas capazes de reverter esse cenário e ressignificar visões de mundo e o modo como interagimos um com o outro.

Estão em marcha ações e redes de proteção focadas na redescoberta da solidariedade e nos princípios que regem a vida, nutrindo relações e promovendo *novas tecnologias de convivência*. Entre pesquisas e programas voltados para a cultura e paz pela educação – primeiro eixo temático criado pela UNESCO em 1999, ao lançar a *Década da Paz* – estão ações promovidas por organizações do terceiro setor, da academia e do poder público, cujo diálogo segue um fio condutor: educação pelo esclarecimento e, sobretudo, pelo despertar da consciência de si, estimulando indivíduos a perceberem o seu redor e a serem capazes de alterar padrões de conduta indesejados a sua dignidade e qualidade de vida.

No universo escolar, experiências sob esta ótica estão em curso aliando ações educativas de promoção da convivência e do respeito às diferenças. Assim como legislações e programas pedagógicos voltados para a promoção da cultura de paz e do resgate de valores universais, dando sentido ao cotidiano de meninos e meninas dentro e fora da escola. Gestores e comunidade escolar se unem para melhorar este ambiente e trabalham em conjunto para dar sentido e pertencimento a suas vidas.

Essas e outras ideias semelhantes inspiram a edição #18 da Revista *Com Censo* (RCC) de agosto de 2019, cujo tema central, *Cultura de Paz nas Escolas*, é um convite para uma boa leitura, que desejamos ser instigante e agregadora.

Raquel Oliveira Moreira